

As atividades físico-desportivas aplicadas à criança: uma perspectiva pedagógica

Rogério da Cunha Voser¹

Introdução

O fenômeno esportivo infantil tem sido, neste início de século, motivo de muitos estudos e questionamentos tanto no que diz respeito aos seus ideários quanto em relação à sua função pedagógica e sociopolítico-cultural.

A Educação Física como área de estudo vem ocupando cada vez mais espaço no cenário educativo. Para muitos, o esporte pode servir como ferramenta para transformar as crianças e os jovens, dando a eles a possibilidade de integração social e de formação humana mais sólida. É sabido o quanto será benéfico para a criança a sua participação em atividades físico-desportivas, seja pelo aspecto de saúde como também como importante meio de interação social, entre outros tantos.

Contudo, sabemos que na maioria dos casos os profissionais que realizam suas intervenções pedagógicas no mundo dos esportes não têm respeitado os princípios metodológicos correspondentes às faixas etárias e ao ideário esportivo que é o de usar o esporte como um meio, e não um fim em si mesmo. Quando o esporte é mal orientado, poderá trazer inúmeros prejuízos às crianças de toda a ordem.

Este texto a seguir irá discorrer sobre importantes temas relacionados aos aspectos pedagógicos na prática esportiva infantil.

Referencial teórico

1 Possibilidades pedagógico-formativas das atividades físico-desportivas

As atividades físico-desportivas, entendidas como atividades naturais de movimento, jogo e confrontação, são elementos básicos para a educação das pessoas, e possuem funções altamente pedagógicas que podem

¹ Coordenador do PIBID no subprojeto da Educação Física/Esporte. Departamento de Educação Física. E-mail: rogerio.voser@ufrgs.br.

incidir no desenvolvimento equilibrado e harmônico do ser humano (VARGAS NETO, 1995).

O mesmo autor ainda relata que, com as atividades físico-desportivas pode-se desenvolver um profundo trabalho educativo, humanizante e integrador, oferecendo tanto uma alternativa gratificante quanto uma compensação da opressão da vida atual, pois o esporte torna possível a expressão e a satisfação de muitos desejos que o mundo moderno desperta, mas também reprime, como já comentado.

O reconhecimento universal do êxito e do fracasso no esporte, e especialmente no esporte coletivo, é um elemento essencial de comunicação e, como consequência, de educação. Fora do esporte, ou das atividades físico-desportivas, o raio de ação dentro do qual os seres humanos podem atuar sem limitações, e projetar sua personalidade, é cada vez menor. Frente a uma situação tão calamitosa de repressão da liberdade corporal, estas atividades oferecem possibilidades de realização para qualquer pessoa disposta a superar o sedentarismo. Estas possibilidades ativas e comunicativas afetam principalmente aos que participam dinamicamente na prática do esporte e, inclusive, sustentam alguns autores que os espectadores, cujo número é maior do que o dos participantes, beneficiam-se dos espetáculos esportivos no que diz respeito à comunicação.

Existem sólidas convicções – devido à experiência pedagógica e às sucessivas reflexões culturais e filosóficas – sobre a conveniência e utilidade da prática de atividades físico-desportivas. Por essa razão, os educadores não duvidaram nunca de que a prática de um esporte ensina a superar as dificuldades da vida. “O esporte é um dos meios e metas da Humanidade em seus incessantes esforços por superar-se. Sua unicidade reside na intimidade entre os acontecimentos físicos de nosso corpo e suas repercussões sobre nossas mentes” (JOKL, 1964, p. 477).

E segue afirmando o mesmo autor: “O interesse da cultura física pelo cultivo e aperfeiçoamento dos recursos motores do indivíduo aplica-se tanto ao corpo como à mente da qual se originam” (p. 478).

Parece demonstrado que a melhora técnico-desportiva incide sobre parâmetros não físicos da pessoa (a capacidade cognitiva, a afetividade, a maturidade da personalidade, a confiança em si mesmo, as relações sociais, a canalização da agressividade, poderiam ser bons exemplos), pelo qual estes argumentos reforçam e consolidam o aspecto educativo do esporte.

Os valores alcançados através do jogo esportivo – como a interiorização das regras, a colaboração, a aceitação da autoridade, a disciplina, a

iniciativa, a superação de si mesmo – configuram uma constelação de condutas positivas, construtivas e integradoras, que se encontram presentes no sistema de valores que cada um assume para si mesmo e com sua maneira de viver. Além disso, estas práticas ajudam à formação da pessoa em sua adaptação à vida em geral, e a assumir hierarquicamente os valores.

Por esse motivo, o educador físico-desportivo deve interessar-se pelo aperfeiçoamento da pessoa como tal. Mas, para isto, deve adequar-se à realidade de cada indivíduo, descobrindo quais são suas aptidões e seus limites. Esta mesma prática físico-desportiva, com a alternância de êxitos e fracassos, serve de pauta ao educador para avaliar as condições, capacidades e limitações pessoais de ordem física e mental dos educandos. O descobrimento intencionado das tensões que o esporte impõe é principalmente de ordem mental.

Alguns estudiosos como Cagigal (1985), opinam que, nas atividades físico-desportivas, encontramos parte das grandes motivações e atitudes que impulsionaram historicamente os comportamentos do ser humano: em primeiro lugar, o lúdico – a intencionalidade de sua ação está no atrativo do intranscendente e festivo, ainda que sujeito a algum tipo de norma, a questão principal não é ganhar, e, sim, passar bem e aproveitar; e, em segundo lugar, o agonístico – o valor agonístico entendido como ciência e arte de combate, intencionalidade competitiva, luta contra algo, alguém ou si mesmo. Aos dois componentes anteriores – lúdico e agonístico – Seirul-Lo (1992) agrega um terceiro: o eronístico, cujo valor devemos buscar no gosto e no prazer da realização (não na aceitação sexual da escola psicanalítica). É uma forma prazerosa de se enfrentar as atividades corporais, pois o instrumento do esportista é seu próprio corpo, fonte de hedonismo, tanto físico-biológico quanto mental.

Sendo comportamentos inatos ao ser humano, podem, contudo, ser cultivados e desenvolvidos através da educação e fundamentalmente por parte da educação físico-desportiva. A história da humanidade parece demonstrar que todos estes comportamentos enriqueceram o ser humano e contribuíram para a sua formação global, favorecendo, entre outras, as seguintes habilidades:

As habilidades intelectuais

- a passagem das operações concretas ao pensamento hipotético-dutivo, contribuindo ao desenvolvimento dos processos mentais de compreensão, análise e síntese.

As habilidades afetivo-sociais

- a integração do indivíduo ao grupo ou ao meio;
- a necessidade orgânica e social de realizar exercício físico;
- o conhecimento de suas reais possibilidades e interesses;
- a criatividade; e,
- o autoconhecimento e sua independência.

As habilidades físico-motoras

- a percepção do próprio corpo, do espaço e do tempo;
- a tomada de decisões e a resolução de problemas físicos; e,
- o domínio de habilidades e destrezas físicas.

Por tudo isso, valorizamos muito positivamente a potencialidade educativa das atividades físico-desportivas em todas as etapas da vida e especialmente na infância e na adolescência, por se tratarem de etapas mais plásticas e receptivas, que ajudam a configurar os comportamentos e estilos de vida adulta. Como consequência, as instituições educativas, principalmente, deveriam integrar as práticas lúdicas e físico-desportivas de forma sistemática e coerente, com a finalidade de possibilitar um desenvolvimento saudável e harmonioso, proporcionando a vivência de experiências motoras, base do desenvolvimento intelectual, facilitando a elaboração da identidade e da própria imagem e a aquisição das capacidades necessárias para dominar os problemas relacionais e os de integração social.

Aspectos positivos da prática de atividades físico-desportivas infantis

Para a maioria dos pais, a prática de atividades físico-desportivas é uma necessidade. Um estudo francês sobre este tema (DANSE; LAMBERT, apud DURAND, 1988) revela que 95% dos pais estão a favor da prática esportiva de seus filhos e que 86% pensa que estas atividades são tão importantes quanto as intelectuais. Da mesma forma, em uma pesquisa encomendada pelo jornal esportivo francês *L'Equipe*, ficou claro que 67% dos entrevistados são partidários da prática esportiva diária na escola. Em relação à classe médica, a opinião não é diferente das anteriores. Observa-se que 99% dos pediatras franceses considera positiva a prática esportiva infantil, reduzindo, no entanto, esta aceitação para 74% quando a iniciação se dá antes dos 7 anos de idade (MANDEL; HENNEQUET, apud DURAND, 1988).

Atualmente, para os médicos e professores de educação física, a prática das atividades físicas e esportivas contribui positivamente também no combate à “degeneração hipocinética”, entendida como uma carência rela-

tiva de movimento. Tal doença caracteriza-se pela diminuição da capacidade funcional de vários órgãos e sistemas (LAMB, 1985). Infelizmente, esta enfermidade, que até bem pouco tempo afetava somente os adultos, está se estendendo hoje em dia também às crianças, como bem assegura Seibold (1974) quando afirma que a vida em um mundo muito civilizado as torna preguiçosas e cômodas perante o tempo, uma vez que elas são liberadas dos esforços físicos, recebendo cada vez menos espaço e estímulos aos jogos livres infantis. Neste momento, é necessário fazer referência aos aspectos negativos da televisão, ao desenvolvimento dos jogos eletrônicos, bem como à tendência das máquinas e computadores de executarem as tarefas cotidianas antes destinadas ao ser humano, influência esta que, segundo Toffler (1980), deverá acentuar-se nos próximos anos.

Munné e Codina (1992) entendem que todo este contexto colabora para manter as crianças fisicamente inativas, gerando deformações da coluna vertebral, aumentando seus hábitos consumistas e sua passividade perante as mensagens subliminares transmitidas pela TV. Contudo, como diz Scully (1990), nossos corpos não estão adaptados a este nível de inatividade que a tecnologia do século XX nos permite desfrutar.

Seguindo as ideias de Cotta (apud HAHN, 1988), em geral, o esporte fomenta na criança e no adolescente a maturidade, o crescimento e o desenvolvimento. Porém, acrescenta que só é perigoso o esporte de alto rendimento, quando especificamente realizado na idade infantil. Deste modo, é quase unânime o consenso de recomendar a prática esportiva na infância, ainda que muitos entendam que esta possa provocar problemas, se iniciada muito cedo, ou quando estiver totalmente voltada para a competição.

A afirmação de Thomas (apud PERSONNE, 1987) parece ser suficientemente clara quando diz que a aventura esportiva é um enriquecimento possivelmente insubstituível. Por outro lado, salienta que os caminhos que conduzem aos pódiums e às marcas deveriam ser traçados sobre as bases de um patrimônio cultural-esportivo-humanista, respeitando o adolescente com o fim de nunca esquecer o menino ou a menina, futuros homem e mulher que estão por trás do esportista.

Diferentes autores e quase a totalidade dos professores de educação física concordam com a afirmação de que é durante as primeiras etapas do aprendizado esportivo que se devem estabelecer as bases do futuro rendimento, sem jamais buscar o rendimento imediato.

Como se pode ver, é necessário que se aplique à criança um modelo de esporte que não busque o êxito pelo êxito, nem resultados para um futu-

ro imediato, nunca esquecendo que este modelo de esporte deve estar adaptado às reais necessidades, características e possibilidades de seus praticantes. Só assim, poderemos afirmar que, no esporte infantil, prevalece o objetivo principal de contribuir com a formação integral da pessoa.

A criança, a saúde e a prática desportiva

As práticas esportivas competitivas, iniciadas precocemente e mal-orientadas, podem ocasionar enormes prejuízos à saúde das crianças. Habitualmente, são detectados problemas ósseos, articulares, musculares, cardíacos e emocionais, dependendo da especialidade esportiva, sobretudo aquelas tecnicamente mais complexas. Estas empregam um grande número de repetições de gestos técnicos, visando a automatização e o aperfeiçoamento do movimento. O estudioso Personne (1987) comprovou que um praticante de ginástica olímpica pode realizar ao longo de uma temporada mais de 8.000 saltos (impacto altamente traumatizante para as articulações); um atleta de saltos ornamentais executa mais de 14.000 saltos; um arremessador de dardo, 6.000 arremessos por ano. Já o pesquisador Ferrandis (1994) verifica que, nas corridas de rua, onde crianças e adolescentes são estimulados a participar, um corredor de maratona, durante a prova, executa por volta de 30.000 impactos do calcanhar contra o solo. Nestes impactos, ele pode chegar a aplicar uma força de até seis vezes o peso de seu corpo. No voleibol, sabe-se que um cortador pode chegar a 150 saltos por partida, nos quais seus pés atingem uma altura superior a um metro, onde o impacto de chegada ao solo pode ser de até dez vezes o peso de seu corpo. Devemos pensar também nos anos de preparação, duração e intensidade do treinamento para chegar a este nível. É uma carga demasiadamente forte para o ombro e as articulações dos membros inferiores.

O grande problema deste tipo de risco reside no impacto e na similitude dos gestos, principalmente se nos referimos a crianças em pleno processo de desenvolvimento. Com relação aos riscos do tipo psicológico (saúde mental) em crianças competidoras foram encontrados níveis anormalmente altos de ansiedade, estresse e frustração. Tudo isto também se evidencia em conhecidos casos de talentos esportivos com futuro promissor que hoje se sentem martirizados internamente por fracassos e desilusões, consequentes de maus resultados em competições. De qualquer forma, a resposta psicológica mais preocupante é a que alguns autores chamam de “infância não vivida”, resultado da alta dedicação aos treinamentos, exigi-

da principalmente em algumas modalidades esportivas, podendo chegar a várias horas por dia, durante todos os dias da semana, além da atividade escolar. Kunz (1994) detectou que isto pode provocar uma formação escolar deficiente e, pior, leva a criança esportista a participar menos das brincadeiras e jogos do mundo infantil, atividades estas que são indispensáveis ao pleno desenvolvimento de sua personalidade. Cabe aqui também lembrar, que muitos pais, na ânsia de satisfazerem suas frustrações esportivas de infância, sobrecarregam emocionalmente seus filhos, trazendo enormes prejuízos de ordem psicológica que, por muitas vezes, podem levar inclusive ao abandono esportivo precoce.

Como foi visto, faz-se necessário despender cuidados especiais para com os nossos pupilos, principalmente no que diz respeito aos objetivos que queremos desenvolver com a prática desportiva, pois ser atleta não significa ser saudável.

Neste sentido, os profissionais envolvidos neste período de formação esportiva deverão se utilizar de procedimentos pedagógicos eticamente corretos, que venham ao encontro das necessidades e capacidades da criança.

A pedagogia no ensino das atividades físicas e do esporte infantil e suas intervenções

Para melhor esclarecer as ideias citadas anteriormente sobre a iniciação e o processo de aprendizagem das atividades físico-desportivas aplicadas a crianças, iniciamos com as palavras de Telema (1986), afirmando que devemos ter em mente que a atividade esportiva por si só não educa; seus efeitos educativos dependem da situação criada especialmente em relação aos aspectos de interação social e ao clima afetivo-emocional e motivacional existente. Essas condições dependem de diversos fatores, entre os quais a intervenção do educador nos parece fundamental.

As principais tendências pedagógicas expressas no âmbito da educação formal, como nos fala Balbinotti (1997, p. 86), podem ser denominadas e definidas como reprodutivistas e construtivistas. A concepção reprodutivista (tradicional) é aquela que prioriza as capacidades intelectuais, situando-as como primeiro e mais relevante objetivo na formação do ser humano. Seus procedimentos didáticos enfatizam processos normativos que visam a uma disciplina rígida. A tônica dessa concepção educativa é uma exposição de conhecimentos por parte do professor, dirigidos a educandos ouvintes e passivos, bem-comportados e estáticos.

Para o mesmo autor, a concepção construtivista pressupõe estratégias de intervenção pedagógica manifestadas através da integração entre educação intelectual e corporal e de um conceito de autoconstrução. Isso significa que o processo de elaboração do conhecimento se dá com a participação e a intervenção ativa do indivíduo em todas as atividades de aprendizagem. A complexidade do processo de construção do conhecimento exige que o professor exerça o papel de agente estimulador dessas relações de interação, nas quais o indivíduo passa a ser um agente ativo.

A prática pedagógica, segundo Shigunov e Pereira (1993), é um problema central da ação educativa para todos os contextos sociais e fator envolvido quer em nível de intervenção pedagógica quer do conteúdo ou da relação.

A capacidade de intervenção pedagógica, como afirma Carreiro da Costa em publicação de 1988 (citado por SHIGUNOV; PEREIRA, 1993, p. 16), “é não só uma realidade desejável, como imprescindível, ela só ganha verdadeiro sentido pedagógico quando exprime uma metodologia de ensino consentânea com as características da atividade humana”.

Para Bordenave e Pereira (1983), na relação professor-aluno, o problema reside no fato de não contarmos ainda com suficiente conhecimento teórico e pesquisa para determinar quais as características pessoais que mais influenciam a aprendizagem, e de que maneira o fazem.

Enquanto não forem estudados e evidenciados os elementos mais importantes da intervenção pedagógica do professor, tanto nos aspectos instrucionais quanto nos afetivos, devemos entender que a relação pedagógica não será promovida nem concretizada com toda a sua força formativa.

As novas tendências pedagógicas para a educação física infantil visam, hoje, a proporcionar que a criança experimente as várias possibilidades de movimentos corporais a partir de sua criatividade e autoconstrução. Nessa abordagem, ela participa intensamente das decisões de todo o processo educativo.

A educação a ser exercida pelo professor, segundo Finger (1971), deverá obedecer a uma pedagogia e a uma metodologia que, além de permitirem a solução e a previsão de situações decorrentes da aprendizagem e da prática do jogo, respeitem os interesses da idade.

Sabemos também que, para alcançar nossas metas no meio educativo, além de termos o conhecimento profundo ou até mesmo uma vivência da prática esportiva, é de suma importância possuímos um conhecimento mais amplo a respeito do grupo que será trabalhado. Isso requer pesquisas

e estudos nas áreas diretamente envolvidas com nosso trabalho (VARGAS NETO E VOSER, 2001).

Por exemplo, quando se desenvolve um trabalho de iniciação esportiva para crianças na faixa etária entre 6 e 12 anos, deve-se estar atento para algumas questões pedagógicas que envolvem o processo ensino-aprendizagem (VOSER, 1999).

- O corpo, nessa fase, é o referencial da percepção, o meio pelo qual a criança absorve o mundo e manifesta sentimentos, sensações e até mesmo opiniões.

- O professor deve desenvolver os aspectos do esquema corporal, do equilíbrio, da lateralidade, da organização do corpo no espaço e no tempo, da coordenação motora grossa e fina, não esquecendo o que é característico na idade: correr, saltar, lançar, transportar, trepar, rastejar e rolar.

- Deve ser oportunizada uma variedade de experiências motoras, bem como um contato com vários tipos de objetos em diferentes espaços, proporcionando, assim, a conscientização do próprio esquema corporal.

- No período escolar é possível realizar um trabalho integrado com as demais disciplinas, fazendo uso da interdisciplinaridade.

- Toda atividade em forma de recreação é mais atrativa para as crianças. O lúdico e o brincar são tão importantes para elas quanto respirar, comer e dormir.

- Torna-se importante elaborar atividades de acordo com o interesse das crianças, observando e não permitindo as manifestações de cansaço, impaciência e desinteresse.

- A linguagem utilizada deve ser objetiva e de fácil compreensão.

- As atividades desenvolvidas deverão propiciar a sociabilização, a integração e a autoestima.

- É importante que o professor estimule as crianças à criação e à organização das atividades sem, é claro, perder o controle da turma. Ele poderá usar as seguintes perguntas: Quem consegue...? Quem é capaz de...? Quem sabe outra maneira de...?

- Deverá ser mantida a motivação da turma e o seu interesse pelas atividades, sabendo a hora de trocá-las.

- O educador deve transmitir o gosto de aprender e de se aperfeiçoar, principalmente para despertar o interesse da criança pela prática esportiva.

- É necessário que os alunos se sintam seguros e desinibidos para participar de todas as atividades. Será oferecido um ambiente livre de tensões, mantendo, assim, um clima propício para a aprendizagem.

- Serão incentivados principalmente os alunos que têm dificuldades, elogiando-os a cada conquista, e deixando para aqueles que possuem mais facilidade o compromisso de auxiliar na transmissão da sua experiência.

- A individualidade de cada criança deve ser respeitada. Deve-se, também, estar atento à progressão dos exercícios, partindo sempre do mais fácil ao mais difícil e do simples para o complexo.

- É preciso avaliar o desenvolvimento psicomotor dos alunos que são mais desenvolvidos fisicamente, mas que, na realidade, possuem a mesma capacidade mental das outras crianças de sua idade. É necessário estar atento à maturidade motora e mental (emocional) das crianças.

- Faz-se necessário dar atenção a fatores externos que possam interferir no andamento do trabalho proposto. O maior exemplo a ser citado é a pressão que os pais exercem sobre seus filhos ao tentar satisfazer seus próprios desejos de infância ou projetando um futuro promissor para a criança no esporte. É indicado conversar com os pais e mostrar o que esse tipo de ação pode acarretar na criança.

Para concluir, lembramos que a criança não é um adulto (atleta) em miniatura, e o treinador ou professor, além de sua tarefa técnica, também tem responsabilidade pedagógica com o futuro do jovem a ele confiado.

Métodos de ensino na educação física e no esporte

Todos os professores, em suas atividades de ensino, devem ter conhecimento do processo de aprendizagem e dos métodos de ensino a serem aplicados. Por muito tempo, ao abordarmos o tema dos métodos de ensino em educação física, logo eram referenciados os métodos global, parcial e misto. Tais métodos serviram de inspiração para muitas pesquisas em que, na maioria das vezes, os pesquisadores comparavam um método com o outro, na tentativa de descobrir qual apresentaria maior êxito e eficácia no ensino da educação física. Posteriormente, outros termos e métodos foram surgindo, tais como global em forma de jogo, confrontação, série de jogos, entre outros tantos. Na verdade, a palavra “método” refere-se ao *caminho* a ser percorrido para alcançar os objetivos propostos.

Com base na didática, cada professor, partindo de diretrizes metodológicas seguras e atualizadas, pode e deve organizar seu próprio método. O bom professor é aquele que busca constantemente um método melhor e mais adequado a seus alunos, respeitando a realidade, o momento e, principalmente, suas características individuais.

É importante salientar que cada método tem suas vantagens e desvantagens, mas todos são operacionais, e nenhum é desprezível.

Algumas dicas importantes para o sucesso no desenvolvimento da aula, segundo Voser e Giusti (2015):

- estabelecer vínculo afetivo com os alunos;
- transmitir apoio e segurança;
- usar o reforço positivo;
- manter a motivação;
- trabalhar com as diferenças, assegurando a participação de todos os alunos;
- promover a convivência entre meninos e meninas;
- estimular a interdisciplinaridade;
- contemplar, por meio da metodologia indicada no período de iniciação, as características, necessidades e interesses da criança. O lúdico, a recreação e as atividades pré-esportivas são bem indicados;
- atentar para a adaptação da criança ao jogo, permitindo a sua relação com o espaço, com a bola, com os colegas e com os adversários;
- enfatizar as capacidades motoras;
- mostrar-se organizado, apresentar os objetivos no início da aula e sempre finalizar com atividades calmantes, tais como brincadeiras, alongamento e, principalmente, com conversa final abordando os fatos ocorridos (positivos e negativos). Ao final, os alunos devem ajudar o professor a recolher o material utilizado na aula;
- explicar e demonstrar a atividade, quando necessário;
- participar efetivamente das atividades;
- incentivar os alunos à criação e à reformulação de regras;
- considerar o contexto e o interesse da turma;
- perceber quando a atividade perdeu a motivação ou quando o grau de exigência está muito elevado. Trabalhar do simples para o complexo, do fácil para o difícil; e
- manter reuniões periódicas com os demais professores e os pais, apresentando a metodologia utilizada.

O papel da escola na ação educativa através do esporte

Segundo Voser e Giusti (2015), a escola assume um papel importante para que estes jovens insiram em sua cultura o hábito da prática esportiva. As escolas que realmente investem em Educação, reconhecem na Educa-

ção Física Escolar um meio rápido de interação da criança com o meio em que ela vive, proporcionando momentos de convívio e interação social. Propostas sérias que visam democratizar, humanizar e diversificar a forma pedagógica do ensino da Educação Física e métodos que procurem valorizar e incorporar as dimensões afetivas, cognitivas e sócio-culturais dos alunos estão se tornando uma referência significativa no contexto educacional, principalmente na hora da escolha (por parte dos pais) da melhor escola para seus filhos.

Ainda os mesmos autores afirmam que a Educação Física Escolar como atividade física, além de desenvolver os aspectos físicos e disciplinares, desenvolve também a autoconfiança que, através de jogos, danças, lutas, ginástica e atividades rítmicas, vai enriquecer o acervo motor oportunizando que a criança aprenda a cultura do movimento. É por meio dessa cultura que a criança descobre as possibilidades de se expressar com o seu corpo e passa a reconhecer a importância do movimento na integração e no relacionamento com seus companheiros de grupo. É através desta participação social, e da cooperação com os colegas que a criança passa a praticar princípios democráticos e uma vivência coletiva.

As atividades físico-desportivas, entendidas como atividades naturais de movimento, jogo e confrontação, são elementos básicos para a educação das pessoas, e possuem funções altamente pedagógicas que podem incidir no desenvolvimento equilibrado e harmônico do ser humano (VARGAS NETO, 1995).

O professor deve lançar mão de estratégias inteligentes de ensino, para desenvolver o desporto dentro de sua escola, considerando aspectos importantes como a competição, que mal ou bem está presente no contexto escolar, procurando procedimentos adequados de ensino-aprendizagem.

Em seu texto “Desporto na Escola: Competição ou Cooperação?”, Rochefort (1995) analisa procedimentos mais cooperativos para serem desenvolvidos de forma significativa nas aulas de Educação Física propondo uma discussão mais ampla e mais transformadora, que possam apontar uma mudança no trato com o conteúdo esportivo e com procedimentos na escola.

Para o mesmo autor, fica claro que, para adotar uma postura mais cooperativa no que diz respeito aos procedimentos, é imperativo “ousar”, é necessário ousar duas vezes, primeiro rompendo com a cultura imposta do esporte de rendimento como normatizador e balizador das atividades es-

portivas, dentro das aulas de Educação Física na escola, sem necessariamente desconhecer sua existência.

Em segundo lugar, ousar entender que este romper determina uma alteração do significado. Aponta, assim, para a identificação do significado central do que Kunz (1994) chamou de “O se movimentar” de cada modalidade esportiva, afirma Rochefort (1995).

Considerações finais

Os estudiosos dos temas que envolvem a criança na participação de atividades físico-desportivas são unânimes ao afirmar a necessidade desta participar de atividades de movimento. Porém, destacam que a maioria dos profissionais usa metodologias com altos graus de exigências, trazendo prejuízos de caráter físico, emocional, e por muitas vezes um abandono precoce destas atividades de movimento, principalmente as esportivas.

Deve-se ter em mente que a criança não é um adulto em miniatura e que, portanto, faz-se necessário uma proposta pedagógica que seja eficaz quanto às necessidades e aos interesses da criança.

Julgamos, por meio de nossas experiências, que é possível construir e aplicar uma proposta pedagógica que, além de desenvolver na criança os aspectos físicos e técnicos, possibilite a ela o seu crescimento como ser humano.

Como pode ser observado neste ensaio, o esporte poder ser uma ferramenta educativa de enorme magnitude, mas dependerá dos profissionais que nela estejam inseridos. No meio acadêmico, são um tema recorrente as discussões que envolvem o esporte com foco no rendimento x esporte com o foco na formação, na educação para saúde, na sociabilização, na inclusão, na participação de todos.

Vislumbramos também a necessidade de que os cursos de Educação Física como formadores de professores devem desenvolver, em seu projeto político pedagógico, uma proposta de ementas que discutam os esportes com uma visão mais complexa e ampla, fazendo com que os alunos desde cedo experimentem a prática educativa em diferentes ambientes: tais como com indivíduos de terceira idade, com jovens portadores de necessidades especiais, com crianças em vulnerabilidade social, como lazer, em associações de bairro, em projetos sociais, dentro das escolas entre outros.

Estas oportunidades práticas irão proporcionar aos acadêmicos (futuros professores) a oportunidade de vislumbrarem o esporte como uma ferramenta educativa, e não só com o foco no rendimento, que é seletivo, excludente e que movimenta altas cifras em um mercado que gera muitos negócios.

Por fim, esperamos ter contribuído através dos referenciais teóricos deste texto com aqueles que admiram e acreditam em um esporte infantil pedagogicamente orientado.

Referências

- BALBINOTTI, C. A. A. O Desporto de competição como um meio de educação: uma proposta metodológica construtivista aplicada ao treinamento de jovens tenistas. **Revista Perfil**, Porto Alegre, ano I, n. 1, p. 83-91, 1997.
- BORDENAVE, J. D.; PEREIRA, A. M. **Estratégias de Ensino-Aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 1983.
- CAGIGAL, J. M. **Cultura intelectual y cultura física**. Buenos Aires: Kapelusz, 1985.
- DURAND, M. **El niño e el deporte**. Barcelona: Ediciones Paidós, 1988.
- FERRANDIS, R. Patología traumática em el corredor de maratón. In: PLATA, F.; TERRADOS, N.; VERA, P. **El maratón**. Aspectos técnicos y científicos. Madrid: Alianza Editorial S. A., 1994, p. 377-410.
- FINGER, A. Consideraciones sobre la metodología de la enseñanza. **Stadium**, Buenos Aires, v. 25, p. 44-45, 1971.
- HAHN, E. **Entrenamiento con niños**. Teoría, práctica, problemas específicos. Barcelona: Martínez Roca, 1988.
- JOKL, E. "Deporte y Cultura". In: **Citius Altius Fortius**. Tomo VI, f. 4, p. 441-482. Madrid: Instituto Nacional de Educación Física y Deporte, 1964.
- KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijui, 1994.
- LAMB, D. **Fisiología de ejercicio**: Respuestas y adaptaciones. Madrid: Editorial Augusto Pila Teleña, 1985.
- MUNNÉ, F.; CODINA, N. "Alguns aspectos del impacto tecnológico en el consumo infantil del ocio". In: **Anuario de Psicología**, n. 3, p. 113-125. Facultad de Psicología. Universitat de Barcelona, 1992.
- PERSONNE, J. **Aucune medaille ne vaut la santé d'un enfant**. Paris: Denoël, 1987.
- ROCHEFORT, R. **Desporto na Escola**: Competição ou Cooperação? Pelotas: ESEF/UFPEL, 1995.

- SCULLY, P. **Fitness**. Condición física para todos. Barcelona: Editorial Hispano Europea, S. A., 1990.
- SEIBOLD, A. **Princípios pedagógicos em la educación física**. Buenos Aires: Editorial Capelusz, S. A., 1974
- SEIRUL-LO, F. Valores educativos del deport. **Revista de Educación Física**, n. 44, p. 3-11, marzo-abril, p. 3-11, 1992.
- SHIGUNOV, V.; PEREIRA, V. R. **Pedagogia da Ed. Física**: O Desporto Coletivo na Escola: Os componentes afetivos. São Paulo: IBRASA, 1993.
- TELEMA, R. Consideraciones socioeducativas del deporte: aspectos pedagógicos del deporte para la juventud. **Dirección Deportiva**. v. 28, p. 26, 1986.
- TOFFLER, A. **La Tercera Olan**. Barcelona: Editora Plaza y Janés, 1980.
- VARGAS NETO, F. X. **Deporte y salud**. Las actividades fisico-deportivas desde una perspectiva de la educación para la salud: síntesis actual. Tesis doctotal en Depak, Barcelona: Universidade, 1995.
- VARGAS NETO, F. X.; VOSER R. C. **A criança e o esporte**: perspectiva lúdica. Canoas: Ulbra, 2001.
- VOSER, R. C. **Iniciação ao Futsal**: abordagem recreativa. Canoas: Ulbra, 1999.
- VOSER, R. C. **Futsal**: princípios técnicos e táticos. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.
- VOSER, R. C.; GIUSTI, J. G. **Futsal e a escola**: uma perspectiva lúdica. Porto Alegre: Artmed, 2015.